

1971  
CLAUDE LÉVI-STRAUSS

(da Academia Francesa)

# TRISTES TRÓPICOS

*Com 38 ilustrações e um mapa no texto e, em extratexto,  
68 fotografias tiradas pelo Autor.*

Título original: *Tristes Tropiques*

© Librairie Plon, 1955

Tradução: Gabinete Literário de Edições 70  
Adaptação para a edição no Brasil: Cristina Sarteschi  
Capa de Arcângela Marques

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa  
por Edições 70, L.<sup>da</sup>

Depósito legal n.º 65 468/93

ISBN 972 - 44 - 0887 - 6

EDIÇÕES 70, LDA. — Av. da Liberdade, 258-3.º 1200 LISBOA  
Telefs. 3158752 / 3158753 / 3158755 / 3158765  
Fax: 3158429

Esta obra está protegida pela Lei. Não pode ser reproduzida,  
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,  
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.  
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor será passível  
de procedimento judicial.

edições 70

A partida teve lugar antes da madrugada. Atravessamos primeiro os *lajeiros*, os espaços quase desnudados, em que a rocha que mergulha progressivamente no solo aluvial allora ainda em placas, e depois campos de altas ervas lanceoladas, os *sapézals*; ao fim de duas horas, entramos na floresta.

## XXXII

### NA FLORESTA

Desde a infância que o mar me inspira sentimentos mistos. O litoral e a orla periodicamente cedida pelo refluxo que o prolonga, disputando ao homem o seu império, atraem-me pelo desafio que lançam aos nossos empreendimentos, pelo universo imprevisível que contém, pela promessa que fazem de observações e achados agradáveis para a imaginação. Tal como Benvenuto Cellini, relativamente ao qual experimento mais inclinação do que tenho pelos mestres do *quattrocento*, gosto de vagabundear pela margem abandonada pela maré e de seguir pelo contorno de uma costa abrupta o itinerário que ela impõe, apanhando seixos, furados, conchas cuja erosão reformou a geometria, ou raízes de juncos, em figuras de quimeras e fazer um museu com todos esses restos; durante um breve instante não fica nada a dever àqueles onde se juntaram obras-primas: estas últimas provêm, aliás, de um trabalho que, pelo fato de ter a sua origem no espírito e não no exterior, não é talvez fundamentalmente diferente daquele em que a natureza se compraz.

Mas, não sendo nem marinho nem pescador, sinto-me lesado por esta água que me rouba metade do meu universo, ou talvez mais, uma vez que a sua grande presença se manifesta para alguém da costa, modificando muitas vezes a paisagem no sentido da austeridade. A diversidade habitual na terra parece-me simplesmente ser destruída pelo mar; oferecendo à vista espaços vastos e coloridos suplementares; mas, à custa de uma monotonia que acabrunha e de uma banalidade na qual nenhum vale escondido mantém em reserva as surpresas com que a minha imaginação se alimenta.

Além disso, os encantos que vejo no mar hoje nos são recusados. Como um animal que envelhece e cuja carapaça se torna mais espessa, formando em volta do corpo uma crosta impermeável que já não permite à epiderme respirar e acelera assim o progresso da sua senilidade, a maior parte dos países europeus deixam as suas costas revestirem-se de vivendas, hotéis e cassinos. Em vez de o litoral esboçar, como outrora, uma imagem antecipada das solidões oceânicas, tornam-se uma espécie de frente de batalha em que os homens mobilizam periodicamente todas

as suas forças para atacar uma liberdade cujo preço eles desmentem pelas condições nas quais aceitam apoderar-se dela. As praias em que os mares nos entregavam os frutos de uma agitação milenária, espantosa galeria onde a natureza se classificava sempre na vanguarda, sob o espezinhar das multidões, já não servem para mais nada senão para a exposição e disposição do refugio.

Prefiro, portanto, a montanha ao mar; e durante anos inteiros este gosto tomou a forma de um amor ciumento. Odiava aqueles que partilhavam da minha predileção, pois ameaçavam essa solidão, à qual eu dava tanta importância; e desprezava os outros para quem a montanha significava, principalmente, cansaços excessivos e um horizonte vedado, que eram, portanto, incapazes de experimentar as emoções que ela suscitava em mim. Teria sido necessário que a sociedade inteira confessasse a superioridade das montanhas e me reconhecesse como seu possuidor exclusivo. Acrescento que essa paixão não se applicava à Alta Montanha; ela tinha-me desiludido pelo carácter ambíguo das alegrias um tanto discutíveis que ela nos traz: intensamente física e mesmo orgânica, quando se considera o esforço a realizar; mas no entanto formal e quase abstrata, na medida em que a atenção, cativada por atividades que exigiam demasiada aplicação, deixa-se fechar em plena natureza, dentro de preocupações que provêm da mecânica e da geometria. Gostava dessa montanha chamada «de vacas»; e principalmente da zona compreendida entre mil e quatrocentos e dois mil e duzentos metros: ainda demasiado mediana para empobrecer a paisagem, tal como o fazia mais acima, a altitude aí parecia provocar a natureza para uma vida mais sacudida e mais ardente, ao mesmo tempo que desencorajava as culturas. Nesses altos balcões preserva o espetáculo de uma terra menos domesticada do que a dos vales e de tal ordem que nos agrada — sem dúvida falsamente — imaginar que o homem pôde conhecê-la nos seus primórdios.

Se o mar oferece ao meu olhar uma paisagem difusa, a montanha surge-me como um mundo concentrado. É-o no sentido próprio, uma vez que a terra, plissada e dobrada, aí junta mais superfície numa mesma extensão. As promessas desse universo mais denso são também mais lentas a esgotarem-se; o clima instável que aí reina e as diferenças devidas à altitude, à exposição e à natureza do solo favorecem as oposições francas entre as vertentes e os níveis, assim como entre as estações. Não me sentia, como tanta gente se sente, deprimido pela estada num vale estreito onde as encostas, em virtude da sua proximidade, tomam um aspecto de muralha e apenas deixam aperceber um fragmento do céu que o Sol percorre em poucas horas; muito pelo contrário, parecia-me que essa paisagem, erguida, de pé, estava viva. Em lugar de me submeter passivamente à minha contemplação, à maneira de um quarto

cujos pormenores é possível apreender à distância sem nele participarmos, convidava-me a uma espécie de diálogo, durante o qual deveríamos, ela e eu, fornecer o melhor de nós próprios. O esforço físico que eu despendia ao percorrê-la era algo que eu lhe cedía e através do qual o seu ser tornava-se presente para mim. Simultaneamente rebelde e provocante, escondendo-me sempre uma metade de si própria, mas para renovar a outra pela perspectiva complementar que acompanha a ascensão ou a descida, a paisagem da montanha unia-se a mim numa espécie de dança que eu tinha o sentimento de conduzir tanto mais livremente quanto melhor tinha conseguido penetrar nas grandes verdades que a inspiravam.

E, no entanto, hoje em dia sou obrigado a reconhecê-lo: sem que eu me sinta mudado, esse amor pela montanha desprende-se de mim como uma vaga recuando na areia. Os meus pensamentos continuam a ser os mesmos, foi a montanha que me deixou. Alegrias sempre iguais tornam-se menos sensíveis para mim por tê-las procurado durante muito tempo e demasiado intensamente. Nesses itinerários muitas vezes seguidos, até a surpresa se tornou familiar; já não trepo entre fetos e rochedos, mas sim por entre os fantasmas das minhas recordações. Estes perdem duplamente o seu atrativo; primeiro em virtude de um uso que os esvaziou da sua novidade; e sobretudo porque um prazer um pouco mais gasto de cada vez é obtido ao preço de um esforço que aumenta com os anos. Envelheço, nada me avisa disso, a não ser esse gasto das arestas, outrora vivas, dos meus projetos e dos meus empreendimentos. Ainda sou capaz de repeti-los; mas já não depende de mim que a sua realização me traga a satisfação que tantas vezes e tão fielmente me transmitiram.

Agora é a floresta que me atrai. Encontro nela os mesmos encantos que na montanha, mas sob uma forma mais calma e mais acolhedora. De ter percorrido tanto as savanas desérticas do Brasil Central, volta a valorizar essa natureza agreste que os antigos amaram: erva jovem, as flores e a frescura úmida dos matagais. Desde então, já não me era possível conservar em relação à região pedregosa de Cévennes o mesmo amor intransigente; compreendia que o entusiasmo da minha geração pela Provença era um ardil do qual nos tínhamos tornado vítimas, depois de termos sido os seus autores. Para descobrir a alegria suprema que a nossa civilização nos retirava — sacrificávamos à novidade o objeto que deve justificá-la. Essa natureza tinha sido menos prezada, enquanto era lícito desfrutarmos outra. Privados da mais valiosa, era-nos necessário reduzir as nossas ambições à medida daquela que ficava à nossa disposição, glorificando a secura e a dureza, uma vez que essas formas apenas nos eram doravante oferecidas.

Mas nessa marcha forçada tínhamos esquecido a floresta. Tão densa como as nossas cidades, era povoada por outros seres, formando uma sociedade que nos tinha seguramente mantido mais afastados do que os desertos onde avançávamos sem direção: quer fossem altos cumes ou charnecas batidas pelo sol. Uma coletividade de árvores e de plantas repele o homem, apressa-se a recobrir os vestígios da sua passagem. É muitas vezes difícil de penetrar aí e a floresta exige daquele que nela se embrenha essas concessões que, de maneira mais brutal, a montanha reclama do caminhante. Menos extenso que o das grandes cadeias de montanhas o seu horizonte rapidamente fechado encerra um universo reduzido, que isola tão completamente como os longes desérticos. Um mundo de ervas, de flores, de cogumelos e de insetos aí prossegue livremente uma vida independente, na qual só a nossa paciência e a nossa humildade podem permitir que sejamos admitidos. Algumas dezenas de metros de floresta bastam para abolir o mundo exterior, um universo dá lugar a outro, menos complacente à vista, mas onde o ouvido e o olfato, esses sentidos mais próximos da alma, encontram inteira satisfação. Bens que se julgavam desaparecidos renascem: o silêncio, a frescura e a paz. A intimidade com o mundo vegetal concede aquilo que o mar agora nos recusa e cujo preço a montanha faz pagar de maneira demasiado elevada.

Para me convencer disso talvez fosse necessário, no entanto, que a floresta me impusesse, primeiro, a sua forma mais virulenta, graças à qual as suas características universais se me tornariam evidentes. Entre a floresta em que eu me embrenhava ao encontro dos Tupi-Cavaibas e a dos nossos países, a diferença é tal que temos dificuldade em encontrar palavras para exprimi-la.

Vista do exterior, a floresta amazônica parece um amontoado de bolhas condensadas, uma amontoado vertical de inchaços verdes; dir-se-ia que um perturbação patológica atacou de maneira uniforme a paisagem fluvial. Mas, quando se rebenta essa película e se passa para dentro, tudo se modifica: vista do interior, essa massa confusa torna-se um universo monumental. A floresta deixa de ser uma desordem terrestre; poderíamos tomá-la por um novo mundo planetário tão rico como o nosso e que o teria substituído.

Desde que a vista se habitua a reconhecer esses planos próximos e o espírito pode ultrapassar a primeira impressão de esmagamento, um sistema complicado surge. Distinguem-se andares sobrepostos que, apesar das roturas de nível e das misturas intermitentes, reproduzem a mesma construção: primeiro, o cimo das plantas e das ervas que se detêm à altura de um homem; acima, os troncos descorados das árvores e as lianas, que gozam por pouco tempo de um espaço livre de toda a vegetação; um pouco mais acima, esses troncos desaparecem, disfar-

çados pela folhagem dos arbustos ou pela florescência escarlate das bananeiras selvagens, as pacovas; os troncos voltam a emergir por um instante desta espuma para se perderem de novo na ramaria das palmeiras; saem daí num ponto mais elevado ainda, onde se destacam os primeiros ramos horizontais, desprovidos de folhas, mas sobrecompensados com plantas epifitas — orquídeas e bromeléacias —, tal como os navios do seu cordame; e é quase fora do alcance da vista que esse universo se encerra com vastas cúpulas, ora verdes, ora desfolhadas, ora então cobertas com flores brancas, amarelas, alaranjadas, púrpuras ou malvas; o espectador europeu maravilha-se de af reconhecer a frega uma das suas primaveras, mas a uma escala tão desproporcionada que a majestosa expansão das chamus outonais impõe-se como único termo de comparação.

A esses andares aéreos correspondem outros sob os próprios passos do viajante. Pois seria uma ilusão acreditar que se caminha no solo escondido por um emaranhado instável de raízes, de rebentos, de túforas de musgos; de todas as vezes que falta ao pé um ponto de apoio firme, arriscamo-nos a dar uma queda para profundezas por vezes desconcertantes. E a presença de Lucinda ainda complica o avanço.

Lucinda é uma macaquinha de cauda preênsil, de pele cor malva e pelo de «petit gris», da espécie *Lagothryx*, vulgarmente chamada barrigudo, por causa da grande barriga que a caracteriza. Ganhei-a com a idade de algumas semanas, de uma índia Nambiquara, que lhe dava de comer e a levava dia e noite agarrada à sua cabeleira, que substituíra para o animalzinho a pelagem e as costas maternas (as mães macacas levam o seu filhote às costas). As mamadeiras de leite condensado substituíram a mamãe e as de *whisky*, que faziam o pobre bichinho dormir um sono profundo, libertavam-me durante a noite. Mas, durante o dia, foi impossível obter de Lucinda mais do que um compromisso: ela consentiu em renunciar aos meus cabelos em proveito da minha bota esquerda, à qual de manhã à noite se mantinha agarrada pelos quatro membros, mesmo em cima do pé. A cavalo, essa posição era possível e perfeitamente aceitável em piroga. Para viajar a pé, a história era outra, pois cada silva, cada ramo baixo, cada charco arrancavam à Lucinda gritos estridentes. Todos os esforços para incitá-la a aceitar o meu braço, o meu ombro ou mesmo os meus cabelos foram vão. Precisava da bota esquerda, única proteção e único ponto de apoio nessa floresta em que tinha nascido e tinha vivido mas que bastaram alguns meses para tornar-se tão estranha, como se ela tivesse crescido nos requintes da civilização. Foi assim que, coxeando da perna esquerda e com os ouvidos cheios de censuras lancinantes, em cada passo em falso, tentava não perder de vista as costas de Abaitara, na penumbra verde em que o nosso guia progredia, com passo rápido e curto, contornando

grandes árvores que por instantes faziam crer que ele tivesse desaparecido, talhando a golpes de facão uma passagem através dos silvados e das lianas, inflectindo à direita ou à esquerda um itinerário para nós incompreensível mas que nos levava cada vez mais para a frente.

Para esquecer o cansaço, deixava o meu espírito trabalhar no vazio. Ao ritmo da marcha, pequenos poemas formavam-se na minha cabeça, onde eu os revolvía durante horas, como uma garfada que perde o sabor, à força de ter sido tão mastigada, mas que hesitamos em cuspir ou engolir por causa da ilusão de companhia que a sua presença nos dá. O ambiente do aquário que reinava na floresta engendrava esta quadra:

*Na floresta cefalópode  
Grande concha cabeluda  
Com lodo, sobre os rochedos cor-de-rosa,  
Fere o ventre dos peixes de Honolulu.*

Ou então, por contraste, sem dúvida, evoco a recordação ingrata dos arredores:

*Limparam a erva seca  
Os pavimentos reluzem, ensaboados  
Na avenida, as árvores são como  
Grandes vassouras abandonadas.*

Houve finalmente esta que nunca me pareceu terminada, ainda que fosse de circunstância; ainda hoje me atormenta sempre que empreendo uma longa marcha:

*Amazônia, querida Amazônia  
Você que não tem o seio direito  
Você nos conta bem boas  
Mas os seus caminhos são muito estreitos.*

Por volta do fim da manhã, ao contornar um silvado, encontramos subitamente em frente de dois indígenas que viajavam na direção oposta. O mais velho, com idade de cerca de quarenta anos, vestido com um pijama rasgado, tinha cabelos compridos que caíam até os ombros; o outro, de cabelos cortados curtos, estava completamente nu, com exceção do pequeno cone de palha que lhe cobria o pênis; trazia às costas, num cesto de palmas verdes, estreitamente amarrado em volta do corpo do animal, uma grande águia-hárpia, com as asas e as patas ligadas como um frango, que apresentava um aspecto lamentável, apesar da sua plumagem estriada de cinzento e de branco, e da sua cabeça,

com um poderoso bico amarelo, sobrepujada por uma coroa de plumas eriçadas. Cada um dos indígenas trazia arco e flechas na mão.

Da conversa que se estabeleceu entre eles e Abaitara pudemos saber que eram, respectivamente, o chefe da aldeia que procurávamos atingir e o seu lugar-tenente; precediam os outros habitantes, que vagueavam na floresta; iam todos em direção ao Machado, para fazer ao posto de Pimenta-Bueno a visita prometida há um ano; finalmente, a águia era um presente destinado aos seus anfitriões. Tudo aquilo não nos convinha, pois não só pretendíamos encontrar os indígenas, mas também visitar a aldeia. Foi, portanto, necessário, com a promessa de muitos presentes, que os esperavam no acampamento do Porquinho, persuadir os nossos interlocutores a darem meia volta, acompanhando-nos e acolhendo-nos na aldeia (o que eles encaravam com uma espécie de extrema repugnância); em seguida, retomariamos todos juntos o caminho do rio. Uma vez feito esse acordo, a águia amarrada foi atirada, sem mais, para a margem de um riacho, onde parecia inevitável que iria rapidamente morrer de fome, ou vir a ser a presa das formigas. Não voltou a falar-se nela durante os quinze dias que se seguiram, exceto para lavrar rapidamente a sua certidão de óbito: «morreu a águia». Os dois Cavaíbas desapareceram na floresta, para anunciarem a nossa chegada às famílias, e retomamos a marcha.

O incidente da águia dava o que pensar. Vários autores antigos contam que os Tupis criavam águias e alimentavam-nas com macacos para as deplumar periodicamente; Rondon tinha assinalado esse costume entre os Tupis-Cavaíbas e outros observadores entre certas tribos do Xingu e do Araguaia. Não era, portanto, surpreendente que um grupo de Tupi-Cavaíbas tivesse preservado esse uso, nem que a águia, considerada como a sua propriedade mais preciosa, fosse trazida de presente, se os nossos indígenas tivessem verdadeiramente resolvido (como começava a suspeitá-lo e verifiquei mais tarde) abandonar definitivamente a sua aldeia para se juntarem à civilização. Mas isso não tornava, senão mais incompreensível, a decisão de abandonar a águia a um destino digno de piedade. No entanto, toda a história da colonização na América do Sul e noutros locais deve ter em conta essas renúncias radicais aos valores tradicionais, essas desagregações de um gênero de vida em que a perda de certos elementos acarreta a depreciação imediata de todos os outros, fenômeno de que eu acabava talvez de observar um exemplo característico.

Uma refeição sumária, feita com alguns fragmentos grelhados e ainda salgados de *xarque*, foi completada por recolhas na floresta: nozes *tocari*; frutos de polpa branca ácida e como que cremosa do cacau selvagem; bagas de árvore *pama*; frutos e nozes de *caju* dos bosques. Choveu toda a noite sobre os abrigos de palma que protegiam as

redes. De madrugada, a floresta silenciosa durante o dia inteiro, ressoou durante alguns minutos com o grito dos macacos e dos papagaios. Retomamos essa marcha em que cada um procurava não perder de vista as costas daquele que o precede, convencido de que bastaria afastar-se alguns metros para que todo o ponto de referência desaparecesse e nenhum apelo fosse ouvido, pois um dos traços mais notáveis da floresta é o fato de ela parecer imersa num meio mais denso do que o ar: a luz apenas lá penetra esverdeada e enfraquecida e a voz não tem alcance. O extraordinário silêncio que reina, resultado, talvez, dessa condição, atingiria por contágio o viajante se a intensa atenção que ele deve consagrar ao caminho não o incitasse já a calar-se. A sua situação moral conspira com o estado físico para criar um sentimento de opressão dificilmente tolerável.

De tempos em tempos, o nosso guia inclinava-se sobre a margem da sua pista invisível para erguer, num gesto rápido, uma folha e nos assinalar por baixo uma lasca lanceolada de bambu, espetada obliquamente no solo para que um pé inimigo aí se espete. Esses engenhos são chamados *min* pelos Tupi-Cavaíbas, que protegem assim as proximidades da sua aldeia; os antigos Tupis utilizavam-nos de tamanho maior.

Durante a tarde atingiu-se um castanhal, em torno do qual os indígenas (que exploram metodicamente a floresta) tinham aberto uma pequena clareira para recolher mais à vontade os frutos caídos. Ali se encontrava acampado o efetivo da aldeia, homens nus, usando o estojo peniano já observado no companheiro do chefe, mulheres igualmente nuas, com exceção de uma faixa de algodão tecido (outrora pintado de vermelho com urucu, e que se tornara ruço com o uso) que lhes cingia os rins.

Contavam-se ao todo seis mulheres, sete homens, entre os quais um adolescente, e três meninas que pareciam ter um, dois e três anos; sem dúvida um dos grupos mais restritos que se podem conceber, como tendo conseguido subsistir, pelo menos durante treze anos (isto é, depois do desaparecimento da aldeia de Abaitara) isolado de todo e qualquer contato com o mundo exterior. Nesse número havia, aliás, dois paralíticos dos membros inferiores: uma jovem mulher que se apoiava com a ajuda de dois paus e um homem, igualmente jovem, que se arrastava no solo como um estropiado. Os seus joelhos apresentavam-se salientes, por cima de pernas descarnadas, inchados na sua face interna e como que cheios de serosidades; os dedos do pé esquerdo estavam paralisados, enquanto os do pé direito tinham conservado a sua mobilidade. No entanto, os dois enfermos conseguiam deslocar-se na floresta e conseguiam mesmo realizar longos percursos com uma aparente facilidade. Seria poliomielite ou qualquer outro vírus que tivesse

assim precedido o contato durável com a civilização? Era aflitivo evocar, diante desses infelizes, entregues a si próprios na natureza mais hostil que o homem pode afrontar, essas páginas de Thevet, que visitou os Tupis da costa no século XVI, nas quais ele se admira que esse povo, «composto pelos mesmos elementos que nós... nunca... seja atingido pela lepra, pela paralisia, pela letargia, doenças cancerosas, nem pelas úlceras ou outras deformidades do corpo, que se vejam superficialmente e do exterior».

Nem suspeitava de que ele e os seus companheiros eram os portadores desses males.

Rufino Monte Palma e o resto do grupo para apanhar o barco a motor «Santelmo» que nos fez esperar uns bons quinze dias. Quando chegamos ao porto de Pimental, embarcamos com as castanhas e todo o resto no «Sertanejo» e em Belém vendemos a castanha a quarenta e sete mil e quinhentos réis o hectolitro (dois dólares e trinta). Infelizmente houve quatro que morreram durante a viagem. Nunca regressamos. Mas hoje, com os preços que vão até duzentos e vinte mil réis o hectolitro, o mais alto custo até agora atingido, segundo os documentos que tenho em meu poder, durante a estação 1933-1937, quantas vantagens não nos promete o trabalho da castanha — que é uma coisa certa e positiva — e não como o diamante subterrâneo e a sua incógnita eterna? Eis, amigos Cuiabanos, como se faz castanha do Pará, no estado do Mato Grosso». Estes ainda conseguiram em sessenta dias ganhar para cento e cinquenta ou cento e sessenta pessoas um total de três mil e quinhentos dólares. Mas que dizer dos exploradores de borracha, a cuja agonia pude assistir nas minhas últimas semanas na Amazônia?

### XXXVI

### SERINGAL

As duas espécies principais de árvores de látex, *hévea* e *castilloa*, são chamadas, na linguagem local, respectivamente seringa e caucha; a primeira é também a mais importante; só cresce na proximidade dos rios, cujas margens constituem um domínio impreciso, concedido por uma vaga autorização do Governo, não a proprietários, mas a «patrões»; esses patrões de seringal são os detentores de um depósito de víveres e provisões diversas, quer a título independente, quer de maneira mais geral, como concessionários de um empreiteiro ou de uma pequena companhia de transporte fluvial que tem o monopólio da navegação no curso e nos afluentes de um rio. O explorador de borracha é primeiramente e de maneira significativa um «cliente» e é chamado freguês, cliente do armazém da zona onde se instala, ao qual se compromete a comprar todas as suas mercadorias, a *aviação* (nada a ver com a aviação aérea), e a vender toda a sua colheita em troca da entrega antecipada dos seus instrumentos de trabalho e de víveres para uma safra, víveres que são lançados imediatamente em seu débito, e finalmente em troca de um emprego, chamado colocação. Grupo de itinerários, as estradas em forma de anel, conduzem à palhoça construída na margem, passando pelas principais árvores produtoras já assinaladas na floresta por outros empregados do patrão: o *mateiro* e o *ajudante*.

Todas as manhãs, muito cedo (porque convém, segundo se pensa, trabalhar na obscuridade), o seringueiro perecorre uma das suas estradas,

armado com uma faca curva e a *coronga* ou lâmpada, que ele traz fixada ao chapéu, à maneira de um mineiro. Faz incisões, *as seringas*, de acordo com técnicas delicadas, chamadas «em bandeira» ou «em espinha de peixe», pois a árvore mal entalhada corre o risco de ficar seca ou de se esgotar.

Por volta das dez da manhã, cento e cinquenta a cento e oitenta árvores foram assim trabalhadas; depois de ter almoçado, o seringueiro regressa pela sua «estrada» e recolhe o látex que escorreu desde a manhã para as taças de zinco presas ao tronco, cujo conteúdo verte num saco confeccionado por ele em algodão grosseiro, impregnado de borracha. No regresso, por volta das cinco horas da tarde, começa a terceira fase, isto é, «a lubrificação» da bola de borracha, em formação: o «leite» é lentamente incorporado à massa enfiada num pau transversal e suspenso por cima de um fogo. O fumo coagula essa borracha em camadas finas que são tornadas uniformes, fazendo lentamente girar a bola em torno do seu eixo. É considerada terminada quando atinge um peso «standard» que oscila entre trinta e setenta quilos, segundo as regiões. A confecção de um bola pode levar várias semanas, quando as árvores estão esgotadas. As bolas (que variam muito, de acordo com a qualidade do látex e a técnica de feitura) são colocadas ao longo do rio, onde o patrão vem todos os anos apanhá-las, para comprimi-las no seu depósito, fazendo *peles de borracha* e depois amarrá-las, formando jangadas, destinadas a desfazerem-se, ao passarem as quedas d'água, a fim de serem pacientemente reconstituídas, depois de terem passado por elas, até à chegada a Manaus ou a Belém.

Assim, para simplificar uma situação, por vezes complexa, o seringueiro depende do patrão; e este da companhia de navegação que controla as vias principais. Esse sistema é uma consequência do desmoronamento dos preços que se verificou a partir de 1910, quando a borracha da plantação da Ásia veio fazer concorrência à colheita brasileira. Ao passo que a exploração propriamente dita perdia o seu interesse, exceto para os muito necessitados, o transporte fluvial continuava a ser tanto mais remunerador quanto era um fato que as mercadorias eram vendidas no seringal aproximadamente por um preço quatro vezes superior ao seu preço de mercado. Os mais poderosos abandonaram a borracha, para conservarem o frete que lhes trazia o controle do sistema sem os riscos, pois o patrão está duplamente à mercê do transportador, quer porque este último possa decidir aumentar as tarifas, quer por poder recusar-se a abastecer o seu cliente. Pois um patrão cujo armazém está vazio perde os seus clientes: eles fogem sem pagar a sua dívida ou então morrem de fome no próprio local.

O patrão fica à mercê do transportador; o cliente, à mercê do patrão. Em 1938, a borracha valia cinquenta vezes menos do que valia no fim do grande «boom»; apesar de uma valorização temporária dos

preços durante a última guerra mundial, a situação hoje não é muito mais brilhante. De acordo com os anos, a colheita de um homem varia, no Machado, entre duzentos a mil e duzentos quilos. Na hipótese mais favorável, a sua receita permitia-lhe, em 1938, comprar cerca de metade da quantidade das mercadorias de base: arroz, feijão preto, carne seca, sal, balas de espingarda, petróleo e tecidos de algodão, que são indispensáveis para a sua sobrevivência. A diferença é preenchida graças à caça, por um lado, e, por outro, às dívidas que, começadas já antes da instalação, aumentam, na maior parte das vezes até a sua morte.

Não deixa de ter interesse transcrever aqui o orçamento mensal de uma família de quatro pessoas, tal como se estabelecia em 1938. As variações do preço do quilo de arroz permitirão restabelecê-lo e, se desejarmos, em valor-ouro (ver quadro da página seguinte).

É preciso acrescentar, num orçamento anual, os tecidos de algodão, dos quais uma peça vale, em 1938, trinta a cento e vinte mil réis; os sapatos, quarenta a sessenta mil réis o par; o chapéu, a cinquenta e a sessenta mil réis, e, finalmente, as agulhas, os botões, a linha e os medicamentos, cujo consumo é espantoso. A título de indicação, o comprimido de quinino (é necessário um por dia para cada membro da família) ou de aspirina custa mil réis. Lembremos que, na mesma época, no Machado, uma «safra» muito boa (a recolha de borracha dura de abril a setembro, sendo impossível transpor a floresta durante as chuvas) rende 2 400 mil réis (a  *fina*  vende-se em Manaus, em 1936, a cerca de quatro mil réis o quilo, de que o produtor recebe metade). Se o seringueiro não tem crianças pequenas, se não comer senão o produto da sua caça e a «farinha» de mandioca que ele próprio cultiva e fabrica, além do seu trabalho normal, o seu orçamento alimentar mínimo absorverá, por si só, essa receita excepcional.

Quer esteja ou não por sua conta, o patrão vive no terror da bancarrota, que o espreita se os seus clientes desaparecerem antes de terem pago as suas dívidas. Assim, o seu contramestre, armado, vigia no rio. Poucos dias depois de ter deixado os Tupi-Cavaíbas, um encontro estranho feito no rio ficará nas minhas lembranças, como a própria imagem do seringal: transcrevo, segundo o meu diário de viagem, com data de 3 de dezembro de 1938: «Por volta das dez horas, tempo cinzento, quente e úmido. Ao encontro das nossas pirogas, uma pequena  *montaria* , conduzida por um homem magro, a sua mulher mulata gorda de cabelos enrespados — e uma criança de cerca de dez anos. Estão esgotados e a mulher termina as suas frases em lágrimas. Regressam de uma expedição de seis dias no Machadinho, sobre onze cachoeiras, das quais uma Jaburu, com  *varação por terra*  (transporte da embarcação) à procura de um dos seus fregueses, que fugiu com a sua

	mil réis por unidade	total em mil réis
4 kg de gordura para cozinhar	10,500	42
5 kg de açúcar	4,500	22,500
3 kg de café	5	15
1 litro de petróleo	5	5
4 barras de sabão	3	12
3 kg de sal (para salgar a caça)	3	9
20 balas, calibre 44	1,200	24
4 libras de tabaco	8,500	34
5 maços de papel de cigarros	1,200	6
10 caixas de fósforos	0,500	5
100 gramas de pimenta (para salmouras)	3	3
2 cabeças de alho	1,500	3
4 caixas de leite condensado (para bebês)	5	20
5 kg de arroz	3,500	17,500
30 litros de farinha de mandioca	2,500	75
6 kg de charque (carne seca)	8	48
TOTAL .....		341

companheira, levando uma piroga e as suas coisas, depois de se ter fornecido de  *aviação*  e de ter deixado um bilhete dizendo que a mercadoria é muito cara e não tem coragem para pagar a conta. Os empregados do compadre Caetano, transtornados pela sua responsabilidade, partiram em busca do fugitivo, a fim de o apanharem e entregarem ao patrão. Levam o rifle.» O rifle é o nome que se dá à carabina — geralmente uma  *Winchester* , calibre 44 — que serve para a caça e eventualmente para outros fins.

Algumas semanas mais tarde, anotei o texto do letreiro seguinte, à porta do armazém da firma «Calama, Lda.», situado na confluência do Machado com o Madeira:

#### EXTRAORDINÁRIO ARTIGO DE LUXO

*compreendendo banha, manteiga e leite*

serão somente vendidos a crédito

por ordem especial do patrão.

Caso contrário

serão apenas vendidos à vista!

*Prata ou outro artigo equivalente.*

Podia ler-se este outro letreiro imediatamente por baixo:

### O CABELO LISO

*Mesmo entre as pessoas de cor.*

Por mais crespos e ondulados que sejam os cabelos

mesmo entre as pessoas de cor tornam-se lisos pela utilização contínua da muito recente preparação

*Alisante.*

À venda na «Grande Garrafa»,  
Rua Uruguaiana, Manaus.

Com efeito, o hábito à doença e à miséria é tão grande que a vida do Seringal nem sempre é sinistra. Sem dúvida, vai longe o tempo em que os altos preços da borracha tinham permitido construir bem perto dos albergues de tábuas, tabernas barulhentas onde os seringueiros perdiam numa noite a fortuna de alguns anos e voltavam a partir no dia seguinte para tudo começar, solicitando a *aviação* a um patrão condescendente. Vi uma dessas ruínas ainda conhecida pelo nome de «Vaticano», evocadora de esplendores desaparecidos. No domingo, as pessoas apareciam lá vestidas com calças e paletó de seda listrada, chapéu mole e sapatos envernizados para ouvir os virtuosos executando, como solistas, árias misturadas com tiros de revólver de diversos calibres. Ninguém pode mais comprar calças e paletós de luxo no seringal. Mas um encanto equívoco continua a ser importado para lá por essas jovens mulheres que levam uma existência incerta de concubinação com os seringueiros. Isso chama-se «casar na igreja verde». Essa *mulherada* quotiza-se, por vezes, para organizar um baile, dando cada uma cinco mil réis, ou café, ou açúcar, ou emprestando a sua barraca um pondeo mais ampla do que as outras, a sua lanterna abastecida para a noite. Chegam com vestidos ligeiros, pintadas e penteadas, beijam, ao entrar, a mão dos donos da casa. Mas a pintura é menos para dar a ilusão de ser bela do que para dar as aparências de saúde. Sob o vermelho e sob o pó-de-arroz dissimularam as suas marcas de bexigas, a sua tísica e o seu paludismo. Vieram com sapatos de salto, do barracão do seringueiro onde estão instaladas com os seus «homens», andrajosas e despenteadas durante todo o ano, mas nessa noite todas pimponas; tiveram, apesar de tudo, de atravessar em vestido de baile dois ou três quilômetros, na lama, pelos caminhos da floresta. E, para se fazerem belas, lavaram-se, vestiram-se à noite nos igarapés (riachos) sórdidos, debaixo da chuva, pois choveu durante todo o dia. O contraste é comovedor entre essas

frágeis aparências de civilização e a realidade monstruosa que espera à porta.

Os vestidos desastrosamente cortados evidenciam as formas tipicamente índias: seios muito altos e colocados quase sob os sovacos, esmagados pela tensão do tecido, que deve conter um ventre proeminente; pequenos braços e pernas magras de belo desenho; articulações muito delgadas. O homem, com calça de tecido branco, sapatos grossos e casaco, vem convidar o seu par. (Como se disse mais atrás, as mulheres não são casadas. São as companheiras, ora *amasiadas*, isto é, vivendo conjugalmente, ora *desocupadas* ou disponíveis.) Ele a conduz pela mão até o meio do palanque de palha de *babassu*, iluminado por uma tremeluzente lâmpada de petróleo, o *farol*. Hesitam alguns segundos para esperar o tempo forte, marcado pela *caracaxá* ou caixa de pregos agitada por um dançarino desocupado; e aí vão eles: um, dois-três; um, dois-três, etc. Os pés arrastam-se no soalho, montado em estacas e que ressoa com este atrito.

Danças com passos de outra época. Principalmente a *desfeitera*, composta de estribilhos, entre os quais a música do acordeão (acompanhando por vezes o violão e o cavaquinho), se detêm para permitir a todos os cavalheiros improvisarem, cada um por sua vez, um dístico pleno de subentendidos trocistas ou amorosos, aos quais as damas devem, por seu turno, responder da mesma maneira, não sem uma certa dificuldade, pois estão confusas, com vergonha; umas esquivam-se, corando, as outras atiram rapidamente uma estrofe ininteligível, como meninhas recitando a sua lição. Eis uma que foi improvisada a nosso respeito numa noite em Urupa:

«Um é médico, outro professor, outro fiscal do Museu, escolhe entre os três qual é o seu.»

Felizmente, a jovem acanhada a quem era destinada não soube o que responder.

Quando o baile dura vários dias, as mulheres mudam de vestido todas as noites. Depois dos Nambiquaras na Idade da Pedra, já não era o século XVI, a que me tinham feito voltar os Tupi-Cavaíbas, mas certamente ainda o século XVIII, tal como pode ser imaginado nos pequenos portos das Antilhas ou na costa. Havia atravessado um continente. Mas o final, muito próximo, da minha viagem tinha me, antes de mais, tornado sensível devido a esse regresso do fundo dos tempos.